

As palavras do Congresso

POLIEDRO

Marcella Farina e Martha Séide, docentes da Faculdade «Auxilium» e membros da Comissão Científica da Congresso, apresentam-nos a compreender a metáfora da segunda sessão: Poliedro de antropologias.

Bem vindos! Hoje apresentamos a expressão "poliedro", termo que estará no centro da segunda sessão do Congresso, intitulada: "Em diálogo com os desafios da educação hoje".

Uma sessão que pretende demorar, centrar-se em alguns desafios do presente a partir do seu impacto na mentalidade, no comportamento dos indivíduos e da comunidade, em particular nos jovens e educadores.

Mas é também uma sessão que pretende refletir sobre algumas antropologias contemporâneas a partir do seu impacto nos processos formativos.

Dois conferencistas e membros da Comissão Científica nos ajudarão a entender melhor essa metáfora: Marcella Farina e Martha Séide.

Professora, por que a metáfora do poliedro foi escolhida para refletir sobre a segunda sessão da conferência intitulada "Em diálogo com os desafios da educação hoje"?

O poliedro é uma figura geométrica e a geometria, etimologicamente, indica a medida da terra.

Essa figura geométrica também é utilizada como modelo interpretativo da realidade, pois possui essa especificidade em relação à esfera, que também é um modelo interpretativo da realidade. No entanto, enquanto a esfera fala de igualdade, portanto a equidistância de cada ponto ao centro, o poliedro com as diferentes faces que o compõem - e quanto mais faces, mais complexa se torna sua figura - indica precisamente a realidade em sua complexidade e multiplicidade, respeitando a singularidade de cada face.

Nesse sentido tomamos a figura do poliedro para falar das antropologias de referência em nosso Congresso. Precisamente porque o poliedro diz como a pessoa humana é um mistério. Não há definição, narração, categoria que possa esgotá-la. É um mistério não porque é enigmático, mas porque é transcendente, ou seja, não pode ser resumido em nenhuma categoria. Mesmo as ciências que querem aprofundar o humano mesmo em seu desenvolvimento - porque ao longo dos séculos a ciência enriqueceu a experiência da pesquisa sobre a pessoa, a ciência, portanto, não esgota o mistério do humano, mas podemos dizer fotografa um elemento, desenha uma dimensão e oferece sua riqueza a partir de sua perspectiva. E na sua multiplicidade as ciências enriquecem esta consciência da pessoa sobre o seu mistério.

Pretendemos, portanto, sublinhar esta dimensão no campo educativo: todos os aspectos do ser humano são dignos de consideração; e, portanto, merece ser aceita na tematização do humano, mesmo aqueles aspectos que podem parecer paradoxais, contraditórios, porque a experiência humana também é feita de contradições.

Em sua multiplicidade, a experiência humana traz recursos, belezas, elementos positivos, valores, mas também traz indícios mais negativos, porque isso é história, isso é experiência humana.

Assim, sublinhamos esta multiplicidade, à qual a educação deve estar atenta porque deve promover a singularidade da pessoa e a sua autenticidade, a sua riqueza e fazê-la crescer. Claro, também levando em conta que pode haver aspectos obscuros da experiência humana que devem ser tematizados e devem ser levados em consideração.

Assim podemos dizer que com o "poliedro" das antropologias queremos enfatizar que cada pessoa é uma singularidade, uma peculiaridade e uma riqueza do universo. Nenhum de nós nasce "fotocópia", como diria Carlo Acutis, mas infelizmente pode se tornar uma fotocópia e é isso que não queremos que aconteça nas novas gerações, como não deve acontecer em nós adultos.

Cada um deve estar no universo com sua beleza, sua singularidade, com seu recurso de humanidade para humanizá-lo.

Como a questão antropológica desafia e estimula o confronto com os desafios educacionais contemporâneos?

Sabemos que a educação não é neutra. A educação não pode ser pensada sem uma visão explícita ou implícita do ser humano. Então, queiramos ou não, conscientes ou não, nossa prática educativa é filtrada pelo nosso modo de pensar e conceber a pessoa e, portanto, pelo propósito que queremos alcançar.

A ideia de pessoa determina essencialmente a nossa prática pedagógica.

Portanto, se nossa prática educativa está centrada na pessoa, em um contexto como o nosso em que emerge toda uma série de antropologias, cada uma mais diferente da outra, é essencial que um educador ou educadora tematize sua própria concepção de homem para que façam escolhas sábias sobre a sua prática educativa, em todos os contextos de educação formal e informal.

É por isso que é necessário conhecer este poliedro de antropologias para melhor orientar e acompanhar os jovens de forma responsável.

Além disso, diria que não basta ser educador. Como diria o pedagogo brasileiro Paulo Freire, seria uma frase cuja generalidade demasiado vaga em contraste com a prática educativa concreta.

Para evitar a neutralidade, o educador deve fazer escolhas, se posicionar, ter princípios morais que inspirem suas decisões. É uma ética. O educador ou educadora deve revelar aos jovens sua capacidade de analisar, comparar, avaliar e decidir. É preciso mostrar-lhes a capacidade de não deixar de respeitar a verdade em nome da moda. Esta forma de afirmar e tomar decisões é também uma ferramenta educativa, não no sentido de doutrinação, mas ao contrário, com vista a favorecer nos jovens esta mesma capacidade de analisar, comparar, avaliar, decidir; para ajudá-los a cultivar seus talentos e sonhos de forma independente.

O educador ou educador deve ser capaz de responder à pergunta sempre nova: que visão antropológica nos permite "estar presente entre os jovens" com responsabilidade, liberdade, criatividade, para promover com eles o processo de amadurecimento e crescimento?

A conferência nos oferece chaves interpretativas para delinear elementos de resposta em constante evolução.

Não perca esta oportunidade! Estamos esperando por você. Em breve !